

**Maria Carmem Martinez
Borges**
PUC Minas
Belo Horizonte, MG, Brasil

**Pablo Moreno Fernandes
Viana**
UFMG
Belo Horizonte, MG, Brasil

TOXICIDADE NAS PRÁTICAS DE FÃS NA REPERCUSSÃO DO FILME *STAR WARS: OS ÚLTIMOS JEDI*

TOXIC FAN PRACTICES IN THE REPERCUSSION OF STAR WARS: THE LAST JEDI

RESUMO

Este artigo discute as concepções de toxicidade nas mediações que o *fandom* brasileiro de *Star Wars* fez do comportamento de fãs na repercussão do filme *Os Últimos Jedi*. Partiu-se da perspectiva teórica que assume fascínio e frustração como premissas para os engajamentos de fãs, articulando noções de *antifandom*, fantagonismo e práticas tóxicas. A Análise de Conteúdo das publicações feitas por alguns dos *fandoms* no Facebook apontou toxicidade nas práticas de fãs no episódio, mediada como comportamento antiético e desviante e associada ao acirramento dos fantagonismos no *fandom* da saga na era Disney.

Palavras-chave: Estudos de Fãs; Fantagonismo; Práticas tóxicas de fãs.

ABSTRACT/ RESUMEN

This paper analyses the concepts of toxicity present in mediations that the Brazilian *Star Wars* fandom made of fan behavior in the repercussion of the movie *The Last Jedi*. To this end, a theoretical perspective that assumes fascination and frustration as premises for fan engagement – articulating concepts of anti-fandom, fantagonism and toxic practices – was adopted. The Content Analysis of publications made by some fandoms on Facebook showed, in this case, that toxicity in fan practices was mediated as unethical and deviant behavior associated with the intensification of fantagonistic dynamics within the saga's fandom in the wake of its Disney era.

Keywords / Palabras Clave: Fan studies; Fantagonism; Toxic fan practices.

Recebido: 21/05/2020 / Aprovado: 23/08/2020

Como citar: BORGES, Maria Carmem Martinez; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. Toxicidade nas Práticas de Fãs na Repercussão do filme *Star Wars: Os Últimos Jedi*. Revista GEMInIS, v. 11, n. 3, pp. 127-145, set./dez. 2020.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

1. INTRODUÇÃO

No dia 13 de dezembro de 2017, o oitavo episódio da franquia cinematográfica *Star Wars* – *Os Últimos Jedi*¹ – estreou mundialmente batendo recordes de bilheteria e extraindo elogios efusivos de grande parte das audiências e crítica especializada². Entretanto, o burburinho sobre o sucesso de arrecadação e crítica conquistados pelo filme foi rapidamente ofuscado, nas mídias e nas redes sociais, pela reação virulenta de um grupo de fãs que, desgostosos com os rumos narrativos e estéticos tomados pela saga, promoveram ataques coordenados a sites agregadores de críticas para rebaixar a nota do filme³, provocaram polarização e rixas nos espaços de debate do *fandom* da saga com suas críticas e opiniões hostis e assinaram em massa petições *online* que exigiam desde um pedido formal de desculpas do diretor *Rian Johnson* aos fãs⁴ a, até mesmo, que a *Disney*, produtora do filme, o excluísse definitivamente do cânone da saga⁵.

Essa cisma entre a recepção acalorada das grandes audiências e a recepção rábida de partes do *fandom* chamou a atenção da imprensa, que passou a noticiar o fato como “polêmica” entre os fãs da saga. Baseados em exemplos pontuais de comentários e publicações controversas nas mídias sociais, algumas análises foram rápidas em associar os fãs críticos do filme a discursos de masculinidade tóxica, isto é, que promovem concepções reacionárias de gênero, identidade sexual, sexualidade e raça. Estes fãs, identificados como homens brancos cisgênero heterossexuais de meia idade, estariam contaminando os ambientes saudáveis e celebratórios do *fandom* de *Star Wars* com seus discursos repletos de saudosismo chauvinista, racismo e sexismo, e afastando dali os (bons) fãs que não se identificam com (ou aprovam) tais comportamentos “tóxicos”.

Outras análises, destacavam a ausência de evidências que comprovassem uma onda de invasão tóxica do *fandom* da saga e criticavam o papel da própria mídia em amplificar pequenas querelas subculturais para fisgar leitores interessados em controvérsias. Toda essa polêmica artificialmente construída teria como consequência a amplificação em escala de um evento que, de

¹ *Star Wars: Os Últimos Jedi* (2017: *Star Wars: Episode VIII - The Last Jedi*). Direção: Rian Johnson. Design de produção: Rick Heinrichs. EUA, 2017. Walt Disney Studios Motion Pictures, 2017. (2h32min.), widescreen, son., color., legendado. Nesta pesquisa, o título do filme será reduzido para *Os Últimos Jedi*.

² Ver compilado das principais críticas e avaliações em <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-215099/criticas/imprensa/>>

³ OBSERVATÓRIO DO CINEMA. *Star Wars: Os Últimos Jedi | Nota baixa do público ao filme pode ter sido armação; entenda*. 17 dez, 2017. <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2017/12/star-wars-os-ultimos-jedi-nota-baixa-do-publico-ao-filme-pode-ter-sido-armacao-entenda>>

⁴ Rian Johnson has to admit that *The Last Jedi* is awful. <<https://www.change.org/p/rian-johnson-has-to-admit-that-the-last-jedi-is-awful>>

⁵ Have Disney strike *Star Wars* Episode VIII from the official canon. <<https://www.change.org/p/the-walt-disney-company-have-disney-strike-star-wars-episode-viii-from-the-official-canon>>

outra forma, não teria circulado para além das esferas subculturais do *fandom* da saga, e que estaria contribuindo para intensificar o já polarizado ambiente político da cultura digital contemporânea.

Fabricada ou não, a controvérsia em torno da reação “tóxica” de alguns fãs ao filme *Os Últimos Jedi* ditou o tom da sua repercussão na mídia global e, de certa maneira, pautou também a sua recepção: o filme passou a ser assistido e analisado a partir do viés da polêmica, da divisão e comportamento “tóxico” do seu *fandom*, protagonizando uma discussão mais ampla, mas não inédita, sobre os envolvimento inapropriados de fãs, sobre o papel da cultura *pop* na construção do ambiente político contemporâneo e sobre as tensas relações entre fãs, textos midiáticos e seus produtores na era digital.

No entanto, nada disso – nem o comportamento “tóxico” de uma facção de fãs, nem as fraturas e polarização dentro do *fandom*, ou mesmo a tensão entre fãs e os produtores de mídia – é novidade no universo *Star Wars*. Ao longo das suas mais de quatro décadas de história, são vários os momentos em que fãs e seus produtores se envolveram em disputas e controvérsias, especialmente após a passagem da franquia para a tutela da *Disney*. Algumas dessas disputas testaram os limites do que pode ser considerado ativismo de fã por mais voz e participação na evolução ou preservação diégética do texto adorado⁶. Outras estão associadas à presença perturbadora de grupos, ainda que em minoria, que promovem discursos reacionários e de ódio dentro do *fandom* de *Star Wars*⁷ e que vem contestando de forma barulhenta os direcionamentos considerados progressistas tomados pela franquia na era *Disney*.

Em ambos os casos, e como é perceptível na recepção do filme *Os Últimos Jedi* entre o seu próprio *fandom*, são várias as forças e interesses que operam e atravessam tais comportamentos, sendo um equívoco simplificar a reação negativa de grupos de fãs como resultado apenas da sua insatisfação consumista, envolvimento nostálgico excessivo ou “tóxico”. Kies e Proctor (2018) defendem que os recentes “[...] protestos em torno da diversidade em quadrinhos, filmes, TV e videogames destacam as tensões e contradições inerentes dentro da cultura popular e comunidades de fãs”⁸ (KIES; PROCTOR, 2018, p. 130, tradução nossa) e que podem dizer respeito tanto a uma guerra metapolítica pela cultura do entretenimento quanto às tensões existentes entre públicos e produtores de mídia na cultura participativa.

⁶ OBSERVATÓRIO DO CINEMA. **Star Wars | Fãs furiosos fazem petição para Disney refazer Os Últimos Jedi**. 19 dez, 2017. <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2017/12/star-wars-fas-furiosos-fazem-peticao-para-disney-refazer-os-ultimos-jedi>>

⁷ Ver Proctor (2018) sobre a controvérsia gerada pela *hashtag* *#blackstormtrooper*.

⁸ Protests surrounding diversity in comics, film, TV and video games highlight the inherent tensions and contradictions within popular culture and fan communities.

Este artigo discute, a partir dos resultados parciais da pesquisa de mestrado defendida em 2020⁹, as concepções de toxicidade presentes nas mediações que o *fandom* digital brasileiro de *Star Wars* fez do comportamento de seus fãs na polêmica repercussão do filme *Os Últimos Jedi*. Para tanto, foram analisadas publicações feitas por alguns dos coletivos de fãs brasileiros da saga mais populares na plataforma *Facebook* e realizadas no período das seis semanas subseqüentes ao lançamento do filme.

Contudo, Guerrero-Pico e outros (2018) apontam que o “espectro de conflitos” entre fãs e produtores precisa de melhor delimitação conceitual uma vez que embaça as distinções entre as práticas de ativismo fã, de *antifandom* e práticas tóxicas. Assim, entende-se que, para uma discussão relevante sobre as relações e tensionamentos entre *fandom* e produtores da saga *Star Wars* e que são acionados no comportamento tóxico de partes do *fandom* na repercussão do filme *Os Últimos Jedi*, é necessário que se aborde, primeiramente, como fascínio e frustração atuam simultaneamente nos engajamentos dos fãs, articulando noções como *antifandom*, fantagonismos e práticas tóxicas.

2. PRÁTICAS DE FÃS: ENTRE ADORAÇÃO E FRUSTRAÇÃO

De modo geral, fãs são caracterizados por serem audiências particularmente ativas na busca pelos seus prazeres (DUFFETT, 2013) e identificados como os principais motores da atual cultura participativa digital (JENKINS, 2008), produzindo, remixando e propagando seus conteúdos. Logo, *fandoms* estão associados a algum tipo de participação ou atividade relacionada ao consumo das mídias.

Os Estudos de Fãs – campo que tem como interesse o estudo dos comportamentos e práticas, das motivações e das agregações de fãs de produtos midiáticos – vêm mostrando como diferentes culturas de fãs, em diferentes indústrias culturais, revelam uma diversidade de modos de participação e engajamentos das audiências com os textos midiáticos e que exercem papel importante na criação e afirmação de suas identidades. Comum a todas as abordagens do *fandom*, está o fato de que ele é passível de ser descrito a partir das marcas destes envolvimento (DUFFETT, 2013): ou seja, pelas práticas do *fandom*.

As práticas do *fandom* são os diversos modos de engajamento dos fãs com seus objetos de interesse, que estabelecem pontos de contato com os mesmos e viabilizam, a partir dessa vinculação, a produção de significados. Gray (2019) nota que, embora a produtividade dos fãs esteja, com maior

⁹ BORGES, M.C.M. **Quando o *fandom* contra-ataca: mediações do comportamento tóxico de fãs na repercussão do filme *Os Últimos Jedi***. 2020. 135f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

frequência, associada a prazeres como a admiração, gozo ou conexão com um objeto midiático, pode também ser oriunda da frustração e do antagonismo incitados por esses objetos.

Todavia, até recentemente, a literatura e pesquisa da área dos Estudos de Fãs vinha focando, quase que exclusivamente, na discussão das práticas motivadas pela fascinação e aprovação dos fãs (CLAESSENS; VAN DEN BULCK, 2014; CHIN, 2019), marginalizando, dessa forma, as demais práticas motivadas pelo outro lado do espectro afetivo, como a indiferença, o incômodo, a aversão, a agressividade e até o ódio (CHIN, 2019).

Essa valorização positiva das práticas do *fandom* pode ser atribuída ao legado da primeira onda dos Estudos de Fãs¹⁰. Tais pesquisas, cujo objetivo primário era lutar contra a estigmatização das audiências fãs, defendendo suas práticas a partir das lentes positivas do apreço, da resistência ou da apropriação criativa, associaram a reboque, e de forma duradoura, a noção de *fandom* às ideias de comunidade harmoniosa e homogênea. Embora pesquisas subsequentes tenham se esforçado para mostrar que o *fandom* pode ser também um lugar de exclusão e heterogeneidade de discursos, ainda assim, dissenso e antagonismo são concebidos como ocorrências pontuais de fricção (CHIN, 2019). Em consequência, as práticas das audiências indiferentes (os não fãs), audiências antagônicas (os antifãs) e das audiências hostis (fãs tóxicos) são desconsideradas como parte do fenômeno do *fandom*, achatando e despolitizando a sua compreensão.

Por outro lado, Jenkins ([1992]/2015) já apontava que a produtividade dos fãs emerge do confronto entre o fascínio e a frustração que os textos midiáticos causam, simultaneamente, em seus fãs. “[...] (S)e a mídia não nos fascinasse, não haveria o desejo de envolvimento com ela; mas se ela não nos frustrasse de alguma forma, não haveria o impulso de reescrevê-la e recriá-la.” (JENKINS, 2008, p. 315). Dessa forma, adoração e antagonismo se misturam nos engajamentos de fãs e estruturam suas práticas.

Jenkins (2015) nota também que, apesar da forte ligação criativa e senso de propriedade que têm com os seus objetos de interesse, fãs reconhecem que seus prazeres costumam existir às margens do texto original e, com frequência, em confronto com as intenções de seus criadores. “Às vezes os fãs reagem a essa situação com deferência aos produtores televisivos, mas muitas vezes reagem com hostilidade e raiva diante daqueles que detêm o poder de ‘remanejar’ suas narrativas para virar algo totalmente diferente daquilo que a audiência deseja.” (JENKINS, 2015, p. 43). Nesses casos, a frustração dos fãs desagua no antagonismo e raiva: o *antifandom*.

¹⁰ Ao longo da trajetória dos Estudos de Fãs, Gray, Sandvoss e Harrington (2017) identificam três *ondas* de pesquisas que se sobrepõem e distinguem entre si tanto pelas suas diferentes abordagens metodológicas e conceituais, como pela forma como encaram as perguntas “o que é o *fandom*” e “por que estudá-lo”.

De acordo com Gray (2003), que cunha o termo, antifãs são pessoas que “[...] fortemente desgostam de um dado gênero ou texto midiático, considerando-o frívolo, estúpido, moralmente falido e/ou esteticamente descartável.”¹¹ (GRAY, 2003, p. 70, tradução nossa). Se o *fandom* representa um lado do processo de dar atenção ativa a um dado objeto midiático – pela sua aprovação e celebração – o outro lado seria o *antifandom*.

Gray (2019) pondera, entretanto, que embora prazer e aversão – *fandom* e *antifandom* – possam, na superfície, aparentar estar em polos opostos do mesmo fenômeno, na realidade, constituem-se em graus diferentes do mesmo espectro de afetos e que instigam as práticas das audiências ativas. Nesse sentido, Giuffre (2014) argumenta que o *antifandom* não diz respeito apenas a audiências que desprezam um dado gênero ou objeto midiático, mas que envolve outros processos de engajamento e participação que não sejam o seu endosso positivo. A autora aponta também que, para alguns tipos de *fandom*, expressões de antagonismo são parte natural do processo de dar atenção ativa a determinados objetos midiáticos, como, por exemplo, a rivalidade entre clubes de futebol.

Antifãs são membros de grupos sociais que, em muitas formas, se assemelham às comunidades de fãs: como o *fandom*, o *antifandom* proporciona prazeres para aqueles nele envolvidos. O *antifandom* pode, também, ser tão potente quanto o *fandom* em instigar a atividade de fãs e gerar identificação e formação de comunidade. Click (2019) destaca como *fandom* e *antifandom* frequentemente ocupam os mesmos espaços, onde podem ser vistos lado a lado: nas filas de convenções de fãs, nos estádios de futebol, nos vários fóruns *online* e em páginas de mídias sociais. “É aqui onde fãs e *fandoms* debatem e se disciplinam. É aqui onde nós adoramos odiar”¹² (CLICK, 2019, p. 1, tradução nossa).

Outro aspecto relevante sobre a forma como fascínio e frustração operam nos engajamentos de fãs diz respeito à sua mobilidade: da mesma maneira que consumidores indiferentes de um determinado texto podem, com o tempo, ser tornar fãs entusiasmados; fãs também podem, ao longo da sua trajetória de vida, perder o seu interesse pelo objeto de *fandom* ou, até mesmo, quando decepcionados, se converter em antifãs.

Isso posto, Chin (2019) sugere que *fandom* e *anti-fandom* estão intrinsecamente relacionados e ajudam a explicar como o fascínio e a frustração de fãs com os seus objetos de *fandom* se desenrolam e fazem com que fãs ajam, algumas vezes, de forma agressiva e hostil. O antagonismo dos fãs pode motivar seu ativismo, ou seja, a realização de empreendimentos coordenados por fãs (ou antifãs) para influenciar as decisões de programação e condução das suas narrativas de interesse.

¹¹ [...] who strongly dislike a given text or genre, considering it inane, stupid, morally bankrupt and/or aesthetic drivel.

¹² This is where fans and fandoms debate and discipline. This is where we love to hate.

Johnson (2017) alega que tais disputas por hegemonia discursiva têm papel constitutivo e estrutural nas relações entre fãs, textos midiáticos e produtores e indicam as formas antagonistas como estes relacionamentos se inter cruzam em modos coletivos de organização e ativismo (ainda que reacionário) e como a indústria gerencia e incorpora estas pressões competitivas em novas estratégias de mercado e práticas industriais. O autor sugere a noção de fantagonismo para explicar tais dinâmicas.

Para Johnson (2017), as disputas, internas e externas ao *fandom*, “[...] para se legitimar consensualmente alegações concorrentes de conhecimento sobre fãs, textos *cult* e sua produção [...]”¹³ (JOHNSON, 2017, p. 383, tradução nossa), podem ser denominadas como fantagonismos. As dinâmicas de fantagonismo estruturam as práticas de fãs e os interesses corporativos que competem entre si para estabelecer os discursos interpretativos dominantes sobre os textos midiáticos, enquanto legitimam (e deslegitimam) tipos específicos de relacionamento estes textos e sua produção. Johnson (2018) defende que a utilidade deste conceito está não em sugerir uma lógica binária para os conflitos entre fãs e produtores, mas sim em ressaltar “os múltiplos eixos de interação”¹⁴ entre fãs, outras facções de fãs e indústria midiática e que estruturam suas práticas.

Em alguns casos, as contendas entre fãs e produtores midiáticos acerca dos rumos criativos de um dado texto se acirram ao ponto da hostilidade explícita, com fãs exigindo de forma agressiva seus direitos de fãs. Tais situações embaçam os limites entre o ativismo legítimo de fãs e o comportamento hostil e exacerbado, complicando ainda mais a compreensão das dinâmicas e tensões que estão ali sendo acionadas, que tendem a ser simplificadas como exemplos de comportamento tóxico ou inapropriado dos fãs.

3. PRÁTICAS TÓXICAS DE FÃS

Hills (2018) afirma que qualquer discussão sobre práticas tóxicas de fãs é assombrada por indeterminação. Para o autor, definir as bases do que constitui ou não toxicidade no comportamento de fãs é uma tarefa problemática, uma vez que o termo “tóxico” tem uso difuso, e vem sendo usado para descrever, indiscriminadamente, desde a presença de ideais reacionários no debate público de diversos textos midiáticos, à práticas diversas (legítimas ou antiéticas) de *antifandom* e ativismo fã ou quaisquer outros comportamentos de fãs que não sejam consideradas adequados pelas indústrias ou pelo *fandom* hegemônico.

¹³ This struggle to consensually legitimate competing knowledge claims about fans, cult texts, and their production [...].

¹⁴ the multiple axes of interaction

Embora a toxicidade em culturas de fãs não seja um fenômeno novo, o rótulo “práticas tóxicas” aplicado ao *fandom* é recente, sendo usado, de modo geral, para caracterizar as práticas de uma parcela das audiências que entram “[...] no domínio do *bullying*, racismo, misoginia, homofobia, transfobia e outros tipos de ataques baseados em políticas de identidades e ideologias progressivas.”¹⁵ (KIES; PROCTOR, 2018, p. 138, tradução nossa).

Para Kies e Proctor (2018), contudo, a toxicidade que vem sendo atribuída aos engajamentos de fãs e exemplificada em episódios recentes de atritos entre facções de fãs (GUERRERO-PICO, 2018; MASSANARI, 2017), e entre fãs e instituições midiáticas (CHIN, 2019; JOHNONS, 2017; PROCTOR, 2017, 2018), têm indicado uma gama mais complexa de hostilidades e antagonismos do que o rótulo “masculinidade tóxica” dá conta de abarcar. Para os autores, a toxicidade presente nos *fandoms* midiáticos contemporâneos emerge de circunstâncias particulares desta época, marcada por uma polarização radical do debate público na internet que, por sua vez, está intrinsecamente associado ao protagonismo crescente de redes de *tecnoculturas tóxicas* (MASSANARI, 2017) – como *Reddit*, *Achan*, *8chan* e *Twitter* – na criação das condições sociotécnicas que permitem a visibilidade e propagação de discursos ultraconservadores e de ódio.

De acordo com Scott (2018), tentativas de se teorizar o crescente “espectro de toxicidade” nas práticas de fãs têm focado nas várias expressões de ideias reacionárias e masculinidade tóxica em *fandoms* diversos, abordando tal toxicidade de duas formas: (a) ou como uma força externa ao *fandom*, crescente e invasiva, que “contagia” e adocece as harmoniosas, progressistas e autênticas comunidades de “bons fãs”; (b) ou como a emergência de um lado negativo da cultura *geek*, que sempre esteve presente nas suas margens, mas somente agora, incentivado pelo anonimato e visibilidade proporcionado pelas mídias sociais, encontra condições para buscar protagonismo e arruinar a experiência do *fandom* para o restante dos fãs.

O uso do termo “tóxico” para descrever o impacto negativo das mídias digitais nos engajamentos das audiências é atribuído ao psicólogo John Suler (KIES; PROCTOR, 2018; MEIMARIDIS; OLIVEIRA, 2018), que usa a expressão “comportamentos tóxicos” para descrever os efeitos nocivos que a desinibição e anonimato proporcionados pelos ambientes *online* têm nas formas como as audiências expressam suas opiniões. “Conforme indicado pelo psicólogo, o comportamento tóxico em ambientes on-line pode ser entendido como um ato catártico de prazer motivado por necessidades e desejos desagradáveis sem qualquer crescimento pessoal” (MEIMARIDIS; OLIVEIRA, 2018, p. 107) e que pode ser expresso no uso de linguagem hostil, na

¹⁵ [...] that falls into the realm of bullying, racism, misogyny, homofobia, transfobia or other types of attack based on identity politics and progressive ideologies.

crítica agressiva, na raiva e em ameaças. Nessa perspectiva, quando associada ao *fandom*, a toxicidade diz respeito ao comportamento provocativo, desagradável e hostil de usuários *online* cujo objetivo é apenas criar ruptura e controvérsia.

De acordo com Scott (2018), são conhecidos como *trolls* aqueles cujas práticas *online* buscam apenas causar conflitos ou gerar controvérsias pelo simples prazer da provocação. A autora aponta que, assim como o comportamento de *trolls* na internet, práticas de fãs consideradas tóxicas são, frequentemente, percebidas e recebidas como esforços calculados para chatear, enfurecer ou provocar uma resposta emotiva e impetuosa de um determinado grupo. Logo, ações de “trolagem” atribuídas a fãs podem receber o rótulo de práticas tóxicas mesmo que não estejam associadas a discursos ou comportamentos reacionários. Da mesma forma, discursos reacionários e de ódio em *fandoms* podem ser desconsiderados ou simplificados como atos de “trolagem”.

Buscando traçar demarcações mais precisas para a toxicidade em *fandoms* midiáticos contemporâneos, Guerrero-Pico e outros (2018) propõem que o elemento distintivo da toxicidade nos engajamentos de fãs seja o seu caráter antiético. Nessa perspectiva, os autores conceituam as práticas tóxicas de fãs como “[...] aquelas ações e discursos de fãs que constituem assédio e ataques *ad hominem* à produtores de mídia ou que promovam racismo, sexismo, homofobia e outros tipos de ideias reacionárias tirando proveito do descontentamento de fãs com a televisão ou outros textos midiáticos.”¹⁶ (GUERRERO-PICO et al., 2018, p. 316, tradução nossa). Algumas das práticas de fãs que estariam, portanto, associadas a essa noção de toxicidade seriam as várias formas de assédio virtual sistemático ou em massa – como *bullying*, *shaming*, *doxing*¹⁷ e ataque virtual – a produtores midiáticos, artistas ou de facções de fãs oponentes; fraude de sistemas de avaliação e ranqueamento e; campanhas de boicote e petições *online*. Além disso, tais práticas estariam caracterizadas pelo uso de linguagem agressiva e ofensiva e por reproduzirem discursos associados à masculinidade tóxica.

Contudo, ainda que tal definição aponte distinções importantes nas motivações das práticas tóxicas de fãs, quando traduzido para o cotidiano do *fandom*, essas distinções tornam-se nebulosas uma vez que campanhas de boicote, assédio e ataques à produtores midiáticos podem, em algumas circunstâncias, caracterizar formas agressivas de antifandom e de ativismo de fãs. Como consequência, Scott (2018) denuncia que quaisquer “[...] instâncias de ataques coordenados em plataformas de mídias sociais contra criadores, celebridades e outros fãs”¹⁸ (SCOTT, 2018, p. 144,

¹⁶ [...] those fannish discourses and actions that constitute harassment and ad hominem attacks on media producers or that promote racism, sexism, homophobia, and other reactionary currents by exploiting fan discontent over television or any other media texts.

¹⁷ Divulgação *online* de informação pessoal, como RG, contas bancárias, números de telefone e endereços

¹⁸ [...] instances of coordinated harassment on social media platforms against content creators, celebrities, and other fans.

tradução nossa) correm o risco de ser rotuladas como tóxicas pelas instituições midiáticas ou por grupos hegemônicos de fãs que não apreciam ter seu domínio discursivo contestado. Para Hills (2018), a questão da toxicidade nas práticas de fãs estaria, portanto, necessariamente articulada às questões de policiamento de hierarquias e das práticas “apropriadas” nos *fandoms* e cristalizada na oposição entre as categorias “bom e verdadeiro fã” e “mau ou não fã”.

Em síntese, a noção de toxicidade, no atual debate acadêmico sobre as práticas de fãs, está associada quatro dimensões complementares do fenômeno:

- a) as **expressões de discursos ódio e masculinidade tóxica** direcionados a políticas de identidades e ideologias progressivas e associados a repercussão dos textos midiáticos;
- b) os **atos de trolagem** perpetrados por fãs (ou outros grupos), isto é, ações desagradáveis e provocativas de usuários *online* cujo intuito exclusivo é causar divergência e controvérsia pública no *fandom* sem alguma reivindicação de ativismo de fãs;
- c) os **comportamentos hostis e antiéticos** de fãs em relação às instituições de produção midiática, ou mesmo em relação a outros fãs – como *bullying*, assédio, ataques ou ameaças virtuais – que tem como objetivo expressar suas opiniões divergentes e antagonistas, e;
- d) as **ações de policiamento e disciplinamento do *fandom* apropriado**, a partir do que é considerado pelo *fandom* hegemônico (e pela indústria midiática) como práticas inapropriadas, extremas ou vergonhosas e que não representam as práticas do bom e verdadeiro fã.

Embora a repercussão do filme *Os Últimos Jedi* não tenha, a princípio, sido explicitamente associada ao comportamento tóxico dos fãs da saga, à medida que as notícias e comentários sobre o comportamento “desviante” e inadequado de partes do *fandom* vão sendo reportado pela mídia, se propagando e reverberando nos vários sites, fóruns e *fanpages* do *fandom* de *Star Wars*, assume tais contornos tornando-se um discurso indissociável ao filme que caracterizaria a sua polêmica repercussão¹⁹. A seguir, a maneira como o *fandom* brasileiro da saga *Star Wars* interpretou, circulou e se apropriou desse discurso sobre o comportamento “tóxico” de seus fãs é discutida com o intuito de identificar que concepções de toxicidade estão presentes nessas mediações.

¹⁹ Entende-se polêmica a partir da definição de Amossy (2017) que sugere que, diferentemente de um debate acalorado, uma polêmica diz respeito a uma controvérsia pública, ou seja, à expressão aberta de um profundo desacordo e choque de opiniões divergentes. Assim uma polêmica, para a autora, é estruturada na oposição de discursos antagônicos apresentados em um confronto verbal caracterizado pela paixão e violência e que se realiza em três movimentos – na dicotomização dos atores, na polarização do debate e na desqualificação do outro – todos eles presentes na repercussão do filme *Os Últimos Jedi*.

4. METODOLOGIA

A discussão realizada neste artigo baseia-se nos resultados parciais da pesquisa de mestrado defendida em 2020. A escolha dos *fandoms* analisados se deu a partir de várias e sucessivas pesquisas exploratórias com o objetivo de identificar os locais digitais de congregação e filiação de coletivos de fãs brasileiros de *Star Wars* e apontar aqueles que, na plataforma *Facebook*, apresentavam maior frequência de menção, popularidade e reconhecimento subcultural²⁰. Destes, foram identificadas as 10 *fanpages* mais populares (em números totais de seguidores) de comunidades autodeclaradas de fãs de *Star Wars* e que estavam ativas durante o lançamento do filme *Os Últimos Jedi*²¹. Juntas, estas 10 *fanpages* congregavam em torno de 410 mil fãs²² saga *Star Wars* na plataforma *Facebook*.

Das 881 publicações que foram feitas pelos 10 *fandoms* analisados no período referente as seis semanas subsequentes ao lançamento de *Os Últimos Jedi*, foram selecionadas apenas aquelas publicações que fizeram uma menção, direta ou indireta, ao filme, isto é, 418 publicações e, dentre essas apenas aquelas publicações que fizeram alusão ao comportamento tóxico dos fãs em relação ao filme *Os Últimos Jedi* foram selecionadas. Ou seja, foram analisadas apenas as publicações que faziam referência tanto aos comportamentos provocativos, desagradável, hostis, antiéticos ou inapropriados de fãs em relação ao filme (ou aos seus produtores, atores e outros fãs da saga) quanto à propagação de discursos reacionários ou de ódio associados à crítica do filme. Ao final desse processo, foram identificadas 25 publicações.

Destaca-se que a amostra representa aproximadamente 6% de todo o conteúdo que foi publicado e circulado sobre *Os Últimos Jedi* pelo *corpus* no período analisado, ou 27% das publicações que fizeram alusão a sua polêmica recepção. Tais números reforçam a percepção de que a conversa sobre a toxicidade do comportamento de fãs da saga, em todas as suas dimensões, não foi central à sua repercussão nos *fandoms* investigados.

Para a exploração e tratamento das publicações selecionadas, optou-se pelo método da Análise de Conteúdo (AC), do tipo qualitativa. O processo de categorização e ordenação do material

²⁰ No período entre os meses de outubro de 2018 e fevereiro de 2019.

²¹ É importante ressaltar que se tem aqui consciência da artificialidade deste mapeamento do *fandom* digital da saga *Star Wars* e que um mapa completo, definitivo e representativo de qualquer *fandom* digital é impossível de se obter em função não apenas das características do universo investigado mas, também, considerando-se que nem todo *fandom* digital tem uma “cara visível” e pública *online*. Também, se reconhece que muitos *fandoms* digitais da saga *Star Wars* se combinam em espaços digitais *transfandoms* (como, por exemplo, no site “Valinor”) ou de cultura geek (como no portal “Jovem Nerd”). Vale destacar que as cinco *fanpages* sobre a saga *Star Wars* mais populares no Facebook (ou seja, aquelas com o maior número de seguidores em 21/03/2019) são aquelas voltadas para o entretenimento inspirado na saga e que não se autodeclararam como um *fandom*.

²² Representa o número de seguidores das *fanpages*, apurado entre os dias 21 e 23 de abril de 2019, cujo soma foi de 409.398 seguidores.

bruto permitiu identificar em tais publicações dois discursos ou temáticas recorrentes e associados aos significados atribuídos e circulados sobre o comportamento tóxico dos fãs: (a) aqueles comportamentos que o *fandom* da saga interpretou como tóxicos na repercussão do filme, e (b) as maneiras pelas quais os fãs que engajaram em tais práticas eram denominados pelo *fandom* da saga. Nesse artigo, discutiremos as **definições** dadas pelo *fandom* digital brasileiro da saga para o comportamento tóxico dos fãs e quais concepções de toxicidade representam.

5. TOXICIDADE NA REPERCUSSÃO DE OS ÚLTIMOS JEDI

Uma vez que a discussão acadêmica sobre a toxicidade em *fandoms* tem considerado quatro dimensões complementares do fenômeno – a expressão da masculinidade tóxica, atos de trolagem contra fãs, o comportamento antiético de fãs e o policiamento das fronteiras do *fandom* “apropriado” – tais dimensões foram utilizadas como forma de aglutinar e interpretar as principais mediações do *fandom* da saga nas publicações analisadas. Dessa maneira, foi possível observar que duas dimensões se destacaram por estarem mais frequentemente associadas às práticas mediadas como tóxicas no episódio investigado: a dimensão antiética do comportamento de parte dos fãs da saga e o policiamento de práticas consideradas inapropriadas pelo *fandom*.

Vale apontar que essas duas dimensões se sobrepõem e estão diretamente ligadas às dinâmicas de antagonismo em operação no *fandom* saga, onde facções oponentes de fãs disputam legitimar (ou deslegitimar) tipos específicos de relacionamento com a saga e sua produção (sob nova direção). Entretanto, enquanto as práticas mediadas como antiéticas assim o foram por serem comportamentos condenáveis por si só (fraudes, ataques, racismo e misoginia), as práticas inadequadas assim foram mediadas porque, ainda que justificáveis (não ter uma opinião favorável do filme ou não concordar com os rumos narrativos propostos pela nova produtora), não se encaixariam no ideal dominante de *fandom* apropriado da saga, sendo necessário disciplinamento dos fãs que assim se comportam.

Observou-se, também, que embora comportamentos e discursos diretamente relacionados à expressão da masculinidade tóxica – como o assédio virtual à atriz *Kelly Marie Tran* ou a produção de uma “edição desfeminizada” do filme – tenham sido identificados (e condenados) pela misoginia, xenofobia e racismo que motivam de tais ações, nas publicações analisadas, essas práticas são mediadas principalmente como comportamentos antiéticos (como no caso dos “ataques” à atriz, mediados como um tipo de *bullying*) ou como um tipo de trolagem (como no caso da edição “desfeminizada” do filme) cuja intenção seria apenas criar confusão, divisão e controvérsia entre os fãs da saga. Também é interessante apontar que as publicações que denunciam diretamente os

comportamentos associados ao discurso reacionário da masculinidade tóxica são apenas 4, isto é, 16% do total das publicações analisadas, e estão entre aquelas que geraram menor índice de engajamento da amostra, ou seja, que menos foram circuladas entre os fãs.

5.1 Toxicidade como comportamento antiético

Na repercussão do filme *Os Últimos Jedi*, o *fandom* digital brasileiro de *Star Wars* considerou como práticas tóxicas, por sua dimensão antiética, (a) as ações para rebaixar artificialmente a nota de público do filme em sites agregadores de crítica, (b) a criação de uma petição *online* para que o filme fosse retirado do cânone da saga e (c) os embates agressivos entre grupos de fãs pró e contra o filme.

Interessante notar que nas publicações que denunciam a manipulação das avaliações do filme, é comum o uso de expressões que fazem alusão à ação terrorista – como “*grupo de extrema direita assume autoria*”, “*grupo de alt-right assumiu crédito pelos ataques*” e “*grupos [...] estão criando bots para atacar*” – e, que ajudam a criar a percepção de que o *fandom*, e mesmo a própria saga, estaria sob o ataque de grupos extremistas ou revoltados de “fãs” (Imagem 1).

Imagem 1 – *Fandom* sob ataque



Fonte: elaborado pela autora

Outra prática mediada pelo *fandom* brasileiro de *Star Wars* como antiética, embora também tenha sido interpretada principalmente como prática inadequada (que será discutido mais adiante), foi a criação de uma petição *online* para que *Os Últimos Jedi* fosse retirado oficialmente do cânone da saga. Nas publicações em que a petição é mencionada, especialmente nos comentários, a mesma é

mediada como uma “*desonestidade*”, “*babaquice*”, “*apelação*”, atitude de “*moleque*” e de “*gente escrota*”, além de ser caracterizada como “*desrespeito*”, “*falta de consideração*”, “*agressão*” e “*ataque*” direto aos produtores da saga, em especial, ao diretor do filme Rian Johnson. Aqui, a ofensa seria o fã se achar mais “*dono da saga*” do que os seus produtores ou mesmo capaz de produzir um filme melhor que o seu diretor.

A incapacidade de alguns fãs em lidar com opiniões divergentes, notadamente, aqueles com discursos antagonistas ao filme (“*haters e extremistas*”), é apontada como o principal motivo do bate-boca agressivo e ofensivo entre facções de fãs, radicalizando a polarização do *fandom*, e é considerada comportamento antiético uma vez que iria de encontro aos princípios do “*debate justo*” e pacífico que caracterizaria, para muitos, a comunidade de fãs da saga. Outras consequências negativas desses embates agressivos entre fãs para o *fandom* da saga seriam o afastamento de muitos fãs dos ambientes do *fandom* e ameaça à continuidade da saga, uma vez que a *Disney*, pouco acostumada ao fanatismo dos fãs de *Star Wars*, poderiam desacelerar ou diminuir a quantidade de produções lançadas pela franquia como resposta às críticas (o “*mar de hate*”) direcionadas à saga e sua produtora.

5.2 Toxicidade como policiamento do *fandom* apropriado

Nos *fandoms* analisados, foi possível observar que a criação de uma petição *online* para que *Os Últimos Jedi* fosse retirado do cânone oficial da saga, além de ser considerada como antiética, foi mediada como prática incondizente com o ideal de “*bom fandom*” da saga, e por essa razão identificada como prática tóxica.

Nas publicações analisadas, a criação da referida petição foi recebida pelo *fandom* com um misto de perplexidade e irritação: “*Gente do céu, a galera não vê o potencial que esse filme traz pro universo de Star Wars?*”, “*Petição pra tirar esse FILMAÇO do cânone?*”, “*São vocês fãs do Star Wars?*”, “*Meu Deus quem é tão estúpido pra fazer uma petição por causa de um filme?*”. Misturadas ao espanto, a reação mais comum foi a irritação, com frequência, associadas a ofensas contra aqueles que criaram a petição: “*Ridículo. Patético*”, “*Vão pra puta que pariu ok?*”, “*affe má que ridículo. Star Wars é da Disney agora, superem! saco.*”

Das sete publicações que mencionam a petição, três delas o fazem a partir do compartilhamento de notícias e outras duas a partir de alusões à cobertura do fato pela mídia. Em tais publicações, a petição é descrita como fruto da desaprovação ou de pouca afeição pelo filme e cuja autoria é atribuída à “*gente que não gostou*” ou “*fãs que não vem demonstrando muito carinho pelo filme de Rian Johnson*”. Já nos comentários dessas publicações, a criação da petição é mediada como resultado da inabilidade de alguns fãs em aceitar a mudança da tutela da saga para a *Disney* e da

frustração que sentem por não terem suas expectativas narrativas e estéticas atendidas pelo filme. Em ambos os casos, tanto o senso de propriedade demonstrado por esses fãs com a saga, quanto o seu investimento criativo (expresso na especulação e teorização intensa e nas análises minuciosas a partir do seu conhecimento sobre Universo Expandido) são mediadas como atitudes excessivas, nostálgicas e tolas. Expressões como “exagero”, “choro” e “mimimi²³” estão entre as mais utilizadas para descrever a petição.

Observa-se que quando associada à petição para que *Os Últimos Jedi* seja excluído do cânone da saga, a expressão “mimimi” – assim como “blablabla”, “piti”, “picuinha”, “soltar a franga” e “ataquezinho de raiva” – tem o objetivo de ironizar, ridicularizar e diminuir o comportamento dos fãs cujos discursos são antagonistas ao filme (e à *Disney*), bem como infantilizar e desmerecer o seu vínculo nostálgico e excessivo com a saga. O “mimimi” a que vários comentários se referem (Imagem 2) na repercussão polêmica de *Os Últimos Jedi* diz assim respeito à implicância infantil com a nova trilogia motivada pela incapacidade de fãs em evoluir com a saga e pelo apego demasiado ao seu passado e personagens.

Imagem 2 – O significado de “mimimi” na repercussão de *Os Últimos Jedi*



Fonte: elaborado pela autora

²³ A expressão “mimimi” está associada ao meme “Por que você não amadurece?”, criado em 2016, e é usada popularmente para descrever um tipo de reclamação infantil ou lamuria tola. É também uma forma de diminuir e ridicularizar as opiniões de alguém ou um grupo

A petição é, dessa forma, mediada como exemplo de um vínculo excessivo, obsessivo e infantil de fãs que se acham, equivocadamente, “*donos da saga*” e “*críticos profissionais*” de cinema. Claramente, comportamentos inapropriados do bom e verdadeiro fã de *Star Wars* que celebra sua continuidade e renovação.

Em todas as suas manifestações, o *mimimi no fandom* é condenado como tóxico por ser uma reação exacerbada e vergonhosa de “*fanáticos*”, “*xiitas*” e “*fundamentalistas*” – mas não de fãs verdadeiros – e que não condiz com o ideal dominante de *fandom* apropriado da saga. Aqui, é interessante destacar a associação desses fãs aos estereótipos negativos do fã e *nerd*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora polêmico – no sentido de apontar uma controvérsia pública entre os fãs da saga e da polarização radical do debate do filme – a repercussão de *Os Últimos Jedi*, entre os *fandoms* analisados, não foi dominada pela narrativa do *backlash* – abordada em apenas 10% de todas as publicações realizadas no período analisado – nem mesmo pelo debate sobre a toxicidade presente nas práticas dos seus fãs – cuja alusão esteve presente em apenas 3% do total das publicações no período observado. Dentre essas publicações, apenas 16% abordavam aspectos da presença de discursos associados à masculinidade tóxica nas práticas do *fandom*. E, mesmo nesses casos, tal associação com o *fandom* da saga foi vaga, já que tais ações foram atribuídas à grupos extremistas e não necessariamente de fãs. O termo tóxico, associado ao *fandom* da saga, não foi usado em nenhuma publicação ou comentário analisado.

Por outro lado, mesmo que o termo “práticas tóxicas” não tenha sido utilizado, a análise das publicações realizadas nas seis semanas subsequentes ao lançamento de *Os Últimos Jedi* apontou a existência de uma discussão pública – embora não dominante na conversação dos *fandoms* no período – sobre comportamentos e práticas de fãs que estariam contaminando de forma negativa o ambiente e a experiência do *fandom* no debate do filme. Assim uma discussão sobre a toxicidade no *fandom* da saga *Star Wars* aparece, nas publicações analisadas, a partir de dois eixos de mediação: a identificação de certos tipos de comportamentos como antiéticos e disruptivos – e cujas consequências constituiriam uma ameaça à continuidade do *fandom* e à própria saga – e o disciplinamento de práticas que não se encaixariam no ideal dominante de comportamento do “verdadeiro fã” de *Star Wars*. A presença de tais dimensões aqui corrobora a constatação presente no referencial teórico de que a discussão sobre a toxicidade no comportamento de fãs é uma tarefa problemática, assombrada por indeterminação, e atravessada por diversas dimensões que vão desde as expressões de masculinidade tóxica no debate público de diversos textos midiáticos às questões de policiamento de hierarquias e

das práticas “apropriadas” nos fandoms e cristalizada na oposição entre as categorias “bom e verdadeiro fã” e “mau ou antifã”.

A partir das publicações analisadas, observou-se que as práticas definidas como tóxicas na polêmica repercussão do filme foram mediadas como ataques diretos ao *fandom* (a agressividade no debate público do filme e a fraude dos sistemas de crítica e avaliação popular) e à autoridade dos produtores da saga (a petição para a retirada do filme do cânone oficial e ameaças ao seu diretor) e cujas consequências se constituiriam em uma ameaça à continuidade da franquia. Aqui, a toxicidade das práticas está associada ao caráter antiético e disruptivo dos comportamentos de fãs antagonistas ao filme. Outras práticas, como a já mencionada petição, foram definidas como tóxicas por se mostrarem contrárias à percepção geral do comportamento característico do bom e verdadeiro fã da saga. Um ideal que aproxima o bom fã de *Star Wars* ao bom consumidor da franquia, que celebra a sua continuidade e lançamentos, sem “mimimi”. O “mimimi” é mediado como tóxico porque aponta um vínculo excessivamente proprietário e nostálgico com um passado da saga e que impediria a fruição da sua continuidade.

Por fim, é possível afirmar que a polêmica sobre a toxicidade das práticas dos fãs na repercussão do filme *Os Últimos Jedi*, nos *fandoms* analisados, não se referiu à controvérsia pública sobre a uma contaminação reacionária e tóxica do *fandom* da saga, mas sim ao acirramento das disputas *intrafandom* pela hegemonia discursiva do cânone na era *Disney* e ao policiamento das práticas e engajamentos que constituiriam o seu *fandom* verdadeiro.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

CHIN, Bertha. When Hated Characters Talk Back: Twitter, hate, and fan/celebrity interactions. In: CLICK, Melissa (ed.) **Anti-Fandom: Dislike and Hate in the Digital Age**. New York: New York University Press, 2019. p.291 a 314.

CLAESSENS, N.; VAN DEN BULCK, H. A severe case of disliking Bimbo heidi, scumbag jesse and Bastard Tiger: Analysing celebrities’ online Anti-fans. In: DUITTS, L., Zwaan, K., Reijnders, S. (eds.) **The Ashgate Research Companion to Fan Cultures**. Farnham, UK: Ashgate, 2014. p.63-75.

CLICK, Melissa A. Haters Gonna Hate. In: CLICK, Melissa (ed.) **Anti-Fandom: Dislike and Hate in the Digital Age**. New York: New York University Press, 2019. p. 1 a 22

DUFFETT, Mark. **Understanding Fandom: an introduction to the study of media fan culture**. New York, NY: Bloomsbury Academic, 2013.

GIUFFRE, Liz. Music for (something other than) pleasure: Anti-fans and the other side of popular music Appeal. In: DUITZ, L., Zwaan, K., Reijnders, S. (eds.) **The Ashgate Research Companion to Fan Cultures**. Farnham, UK: Ashgate, 2014. p.49-62.

GRAY, J New audiences, new textualities: Anti-fans and non-fans. **International Journal of Cultural Studies**. Vol. 6, issue 1, 2003. p. 64-81. DOI: <<https://doi.org/10.1177/1367877903006001004>>. Acesso em: 22 maio. 2019.

GRAY, J. A. How Do I Dislike Thee? Let Me Count The Ways. In: CLICK, Melissa (ed.) **Anti-Fandom: Dislike and Hate in the Digital Age**. New York: New York University Press, 2019. p.25 a 41.

GRAY, J.A., SANDVOSS, C., HARRINGTON, C.L. Why Still Study Fans? In: GRAY, J.A., SANDVOSS, C., HARRINGTON, C.L (eds). **Fandom: identities and communities in a mediated world**. 2.ed. atual e ampl. New York: New York University Press: 2017. p.1-26.

GUERRERO-PICO, Mar [et. al]. Killing off Lexa: ‘Dead Lesbian Syndrome’ and intra-fandom management of toxic fan practices in an online queer Community. **Participations**, vol. 15, issue. 1, May 2018, p. 311-333. Disponível em: <<http://www.participations.org/Volume%2015/Issue%201/17.pdf>>. Acesso em: 22 maio. 2019.

HILLS, Matt. An extended Foreword: From fan doxa to toxic fan practices? **Participations**, Volume 15:1, May 2018, pp. 105-126. Disponível em: <<http://www.participations.org/Volume%2015/Issue%201/7.pdf>>. Acesso em: 22 maio. 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, Henry. **Invasores do texto: fãs e cultura participativa**. Nova Iguaçu: Marsupial, 1992-2015.

JOHNSON, Derek. Fantagonism: factions, institutions, and constitutive hegemonies of fandom. In: GRAY, J.A., Sandvoss, C., and Harrington, C.L (eds). **Fandom: identities and communities in a mediated world**. 2.ed. atual e ampl. New York: New York University Press: 2017. p. 369-386.

JOHNSON, Derek. Fantagonism, franchising, and industry management of fan privilegie. In: CLICK, M. A.; Scott, S. (eds). **The Routledge Companion To Media Fandom**. New York and London: Routledge, 2018. p.395-405.

KIES, B.; PROCTOR, W. Editors’ Introduction: on toxic fan practices and the new culture wars. **Participations: Journal of Audience & Reception Studies**. vol. 15, issue 1. p. 127-141, May, 2018. Disponível em: <<http://www.participations.org/Volume%2015/Issue%201/8.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

MASSANARI, Adrienne. #Gamergate and The Fapping: How Reddit’s algorithm, governance, and culture support toxic technocultures. **New Media & Society**. vol. 19, issue 3, p. 329-346. 2017. DOI: <<https://doi.org/10.1177/1461444815608807>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

MEIMARIDIS, Melina.; OLIVEIRA, Thaian. Vingar e punir: motivações para a prática do spoiling. **Comun. Mídia Consumo**, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 97-118, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1632>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

PROCTOR, William. “Bitches Ain’t Gonna Hunt No Ghosts”: Totemic Nostalgia, Toxic Fandom and the Ghostbusters Platonic. **Palabra Clave** [online]. vol. 20, n.4, p.1105-1141, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5294/pacla.2017.20.4.10>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

PROCTOR, William. ‘I’ve seen a lot of talk about the #blackstormtrooper outrage, but not a single example of anyone complaining’: The Force Awakens, canonical fidelity and non-toxic fan practices. **Participations**, vol. 15, issue 1, May, 2018. p 160-179. Disponível em: <<http://www.participations.org/Volume%2015/Issue%201/10.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

SCOTT, Suzanne. Towards a theory of producer/fan trolling. **Participations**, vol. 15, issue 1, May 2018. p. 143-159. Disponível em: <<http://www.participations.org/Volume%2015/Issue%201/9.pdf>>. Acesso em: 22 maio. 2019.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: não se aplica

Fontes de financiamento: não se aplica.

Apresentação anterior: não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não se aplica.

Maria Carmem Martinez Borges

Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Docente do Departamento de Comunicação Social da PUC Minas.

E-mail: carmemb@pucminas.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8597-7448>

Pablo Moreno Fernandes

Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, Docente do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Vice-líder do grupo de pesquisa em Comunicação, raça e gênero - Coragem (UFMG) e do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo - GESC3 (USP).

E-mail: pablomoreno@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5446-9301>